

# Reflexões sobre Imagem e Cultura

## 2 5

### O MUNDO DOS FANZINES UMA FORMA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO

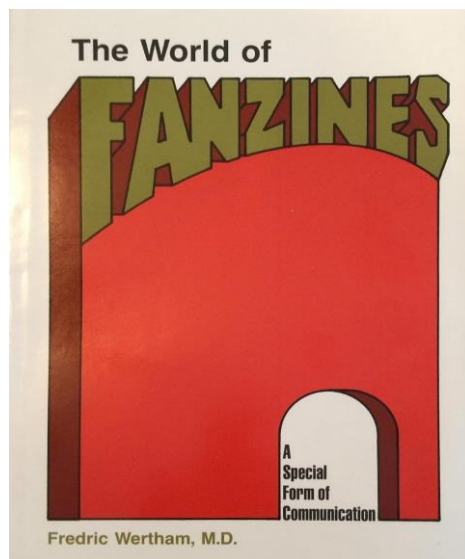
Quiof Thrul

Síntese do livro **The World of Fanzines** (1973) de Fredric Wertham.

O Dr. Fredric Wertham, psiquiatra reconhecido internacionalmente e uma das principais autoridades em violência – área em que é pioneiro e sobre a qual escreveu muitos livros, incluindo **The Show of Violence**, **A Sign for Cain** e **Seduction of the Innocent** – dedicou, durante seus cinquenta anos de prática, especial atenção ao efeito da comunicação de massa no comportamento humano. O Dr. Wertham traz uma ampla gama de referências e experiências para esta apresentação fascinante e perceptiva de um fenômeno comunicativo.

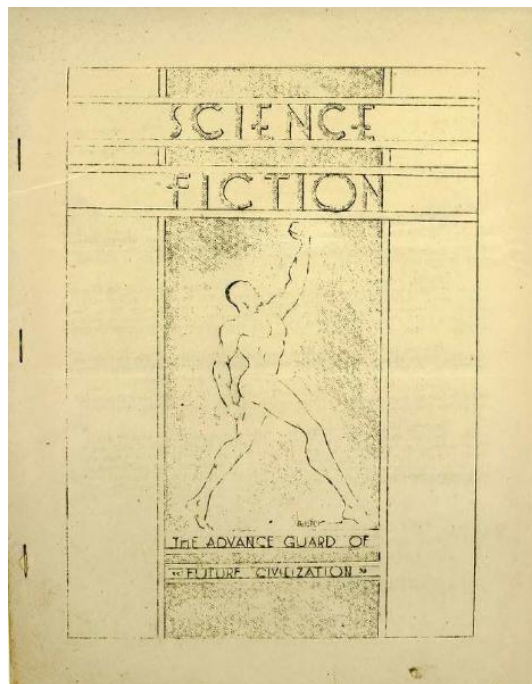
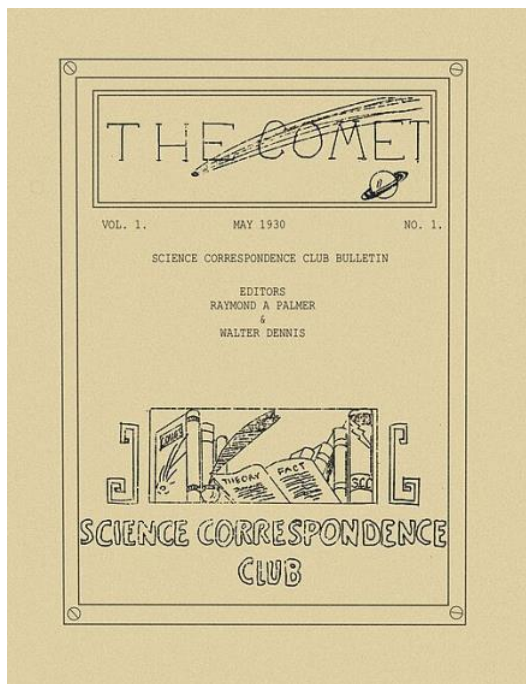
O foco do livro do Dr. Wertham é descritivo e analítico. Ele examina o conteúdo dos fanzines (arte e texto), circulação e métodos de produção, e analisa sua influência como uma manifestação de criatividade – algo distinto das “pequenas revistas” e dos jornais underground.

Atualmente, existem mais de duzentos fanzines em circulação, originários de quase todos os estados dos EUA, bem como do Canadá, Inglaterra, Alemanha, Irlanda, Espanha e Suécia. Os fanzines são publicados, escritos e ilustrados por jovens, geralmente bem abaixo dos 30 anos, e têm nomes como **ANDROmeda**, **BeABohema**, **Comickazi**, **Granfalloon** e **Varolika**. A história do gênero é breve, datando dos anos 1930, mas muitos dos editores e colaboradores alcançaram considerável destaque como escritores, incluindo Paul Anderson, Ray Bradbury e Richard Lupoff.



Fanzines são revistas não comerciais, não profissionais, de pequena circulação, que seus editores produzem, publicam e distribuem. Elas tratam principalmente do que chamam de literatura e arte fantástica. O fato de não serem comercialmente orientadas, podem sair irregularmente e serem distribuídas privadamente, as diferencia das revistas profissionais de banca. Seus escritores e leitores pertencem principalmente ao grupo com menos de trinta anos.

A origem dos fanzines remonta a 1930, com a publicação de **The Comet**, que tratava de ciência e ficção científica. Outros títulos pioneiros, como **The Time Traveller** e **Science Fiction**, surgiram nos anos seguintes. Um exemplo marcante é **Fantasy News**, editado na década de 1940, que discutia ficção científica, quadrinhos e outros temas afins, servindo como protótipo para os fanzines posteriores.



Um dos primeiros, e um tanto primitivo, foi **Science Fiction**, publicado em 1932 por Jerome Siegel e Joe Shuster, que mais tarde ficariam famosos como criadores do herói dos quadrinhos Superman.

Em tanto que nos é oferecido hoje, lemos sobre o que é negativo, somos entretidos pelo que é mórbido, estamos cercados pelo que é artificial. Os fanzines, que são sinceros e espontâneos, nós ignoramos. A maioria dos leitores acadêmicos e gerais não sabe sobre eles. O mesmo vale para a maioria das bibliotecas, como verificações de bibliotecas e índices literários mostram. Até mesmo muitos dicionários não incluem a palavra.

Como me interessei por este assunto? Meu contato com fanzines começou muito antes de eu conhecer o termo. Em 1942, em conexão com uma discussão sobre os problemas da relação entre psicologia e literatura e entre mito e realidade, em meu livro **Dark Legend** (1941), um jovem me mostrou cópias de uma pequena revista amadora que havia começado a ser publicada no final dos anos trinta. Ela tratava de ficção utópica com orientação científica. Só muito depois percebi que pertencia a uma variedade distinta de publicação, que era, de fato, um "fanzine".

Tendo visto, em meus anos na psiquiatria, tantas falhas gerais em nossas relações humanas, fui atraído por algo que era tão positivo e não era reconhecido como tal. Senti que era essencialmente não poluído pela ganância, pela arrogância e pela hipocrisia que invadiram tanto de nossa vida intelectual. Minha absorção no assunto tem a ver também com meu interesse geral nos altos e baixos das comunicações literárias em diferentes campos e diferentes eras históricas.

Seria um erro, no entanto, pensar que essas revistas produzidas por fãs podem desempenhar um papel significativo como força contrária, que elas são uma resposta para os problemas da sociedade de alguma forma, ou um remédio para suas fragilidades. Isso eu não esperava, e não encontrei em meus estudos posteriores. Sua reivindicação à atenção, certamente não pequena, está no fato de que elas pertencem ao ambiente cultural americano, que existem e continuam a existir como vozes humanas genuínas fora de toda manipulação em massa.

Até mesmo o fanzine médio contém alguns pontos bons. Fanzines mal reproduzidos muitas vezes escondem editoriais fascinantes ou deliciosas ficções de fãs, belas obras de arte decoram críticas terríveis... poucos são perfeitos e a maioria é extremamente desigual em qualidade... até mesmo os piores “crudzines” podem conter alguns recursos redentores.

Os fanzines constituem um gênero distinto, apesar de sua grande diversidade. Tentei compreender o todo, captar o espírito dos fanzines e, com exemplos concretos e descrições, apresentá-los a partir de seu próprio ponto de vista. É claro que existem subgrupos. Para alguns propósitos, pode-se fazer uma distinção clara entre um fanzine estritamente de ficção científica e outro voltado principalmente para quadrinhos. Mas ambos pertencem ao mesmo meio especial de comunicação, cuja

delimitação estrutural é o objetivo desta investigação. Enfatizar as diferentes categorias significa supervalorizar as diferenças em vez das semelhanças. Seria o oposto do que os fanzines representam. Eles não querem erguer cercas, mas construir pontes.

Quanto mais minha coleção crescia, mais eu percebia que a palavra-chave para entender os fanzines é fantasia. Este é, naturalmente, um termo muito geral e abrange uma grande variedade de coisas. O conteúdo dos fanzines consiste na mais ampla gama de material orientado para a fantasia – tudo o que tende para a fantasia e o fantástico. Falando sobre o campo dos fanzines, Tom Orzechowski o define como “qualquer coisa com algum tipo de base fantástica” (**Ye Graphic Gazette** nº 8). “Arte fantástica” se refere a ilustradores como Frank Frazetta (muito admirado em fanzines), mas também inclui Maxfield Parrish como um “fantasista” (**Quintessence** nº 1). Hannes Bok é chamado de “um dos melhores artistas de fantasia de todos os tempos” (**Green Dragon** nº 12).

**A THOUSAND  
WORLDS** No. 1 AUGUST



**FANDOM  
UNLIMITED**



HANLEY  
1981

As origens do que hoje consideramos ficção científica remontam aos anos 1830. Edgar Allan Poe experimentou com fantasia científica. Internacionalmente, toda ficção científica descende de Verne e Wells. A primeira aparição do termo “ficção científica” em impresso foi em 1929, cunhado por Hugo Gernsback. Harry Harrison traça sua evolução: na primeira era dominavam as “ciências exatas”; no segundo período incorporam-se as “ciências sociais”.

Quando a crítica mainstream menosprezou a FC, fanzines publicaram réplicas. Eles registram debates entre autores como Heinlein e Ellison, comprovando a profundidade intelectual do gênero, para além do rótulo de “literatura de escape”.

Os fanzines assumem papel crucial quando a crítica convencional menospreza a FC. Quando um artigo mal-informado surgiu no **Partisan Review**, James Blish redigiu uma réplica. Recusada pela revista como “tardia”, foi publicada integralmente num fanzine. O público da FC é dos mais polarizados: cientistas, advogados e médicos a devoram, enquanto outros a rejeitam categoricamente. O pouso lunar teve duplo efeito: aumentou o interesse pela FC, mas tornou obsoletas certas narrativas. “Ver homens na Lua ao vivo foi inspirador” (**Locus** nº 93) contrastava com “Quem precisa de 2001 agora?”.

Em contraste com a mídia de massa e as publicações de grande circulação – que, claro, têm seu lugar em nossa sociedade – os fanzines são destinados a pequenos públicos. Construímos uma enorme máquina de comunicação que às vezes nos confronta como um poder superior e, paradoxalmente, contribui para nosso isolamento. O indivíduo tende a ser submerso e considerado como uma estatística. Não há tal tendência nos fanzines.

Minha imersão no assunto também tem a ver com meu interesse geral pelos altos e baixos das comunicações literárias em diferentes campos e diferentes épocas históricas. Em 1960, o professor Harry T. Moore, crítico literário e autoridade em D.H. Lawrence, deu uma palestra sobre o romance moderno perante a Royal Society of Literature em Londres, que foi citada em ambos os lados do Atlântico. Descrevendo a cena social atual como pano de fundo de sua expressão literária, ele disse: “O barulho e a pressa... a tendência... de reduzir as pessoas a estatísticas – tudo isso contribui para o negligente, o superficial e o mecânico” (**The Times**, Londres, 17 de junho de 1960). Porém, como quer que olhemos para os fanzines, eles são decididamente não mecânicos, mas espontâneos; não estatisticamente impessoais, mas intensamente pessoais.

## Comic Fandom Monthly

THE MAGAZINE OF COMIC BOOKS AND RELATED FIELDS FIFTY CENTS

OCT 1971  
NO. 2



Os fanzines também desempenharam um papel importante na crítica e no fandom de obras como **O Senhor dos Anéis**, de J.R.R. Tolkien, muitas vezes oferecendo análises mais profundas e sinceras do que as críticas acadêmicas. Além disso, eles foram impulsionados pelo interesse renovado em heróis e super-heróis de quadrinhos, com publicações como **Xero**, **Alter Ego** e **Comic Art** se destacando como pioneiras nesse campo.

A fantasia como refletida nos fanzines alcança longe no tempo, no futuro distante e de volta aos tempos medievais e pré-históricos. Ela se projeta longe no espaço, nos espaços interplanetários, para o centro da terra, como em *Pellucidar* de Edgar Rice Burroughs, ou mesmo no que tem sido chamado de “espaço interior” (J.G. Ballard).

Essas vozes não anunciadas, não altas e estridentes, mas descontraídas e alegres, merecem ser ouvidas. Para mim, o impacto dos fanzines foi reminiscente de uma lenda antiga. Na época de Erasmo de Rotterdam, um pequeno duende substituiu uma noite todos os solenes sinos da igreja da cidade por sinos de trenó. Os cidadãos foram acordados de manhã pelo som de tinar em vez do clamor severo dos sinos usuais. Eles o tomaram como uma mensagem especial de alegria e otimismo. Tendo tido que ler tantas publicações profissionais e professorais solenes em minha vida, os fanzines não convencionais me lembraram os alegres sinos de trenó de Rotterdam.

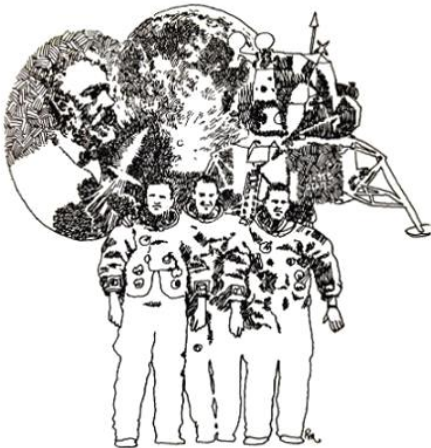
Existem várias dificuldades bibliográficas neste campo, de modo que os métodos acadêmicos usuais não funcionam. Muitas vezes, nenhuma data é fornecida; em vez disso, há apenas um número ou apenas um mês e nenhum ano. Isso pode tornar referências e cronologia exatas difíceis ou impossíveis. Em alguns fanzines, as páginas não são numeradas. Cópias antigas de títulos, mesmo muito recentes, muitas vezes estão esgotadas e são difíceis de conseguir ou completamente indisponíveis. Às vezes, os editores mudam. Por exemplo, **Dateline: Comictim** foi publicado em 1963 por Ronn Foss, em 1965 por Bob Greene, em 1969 por Mike Raub. Ou o mesmo editor pode publicar um fanzine similar também ou apenas o nome do fanzine pode mudar. Nenhum lugar central existe onde essas coisas são registradas. Isso faz parte da natureza não convencional dos fanzines.

Há várias razões para o descaso geral com os fanzines. Uma delas é que são não convencionais e, como escreveu D.H. Lawrence, “os homens só conseguem ver de acordo com uma convenção”. Outra razão é um certo esnobismo intelectual que certamente não é estranho aos nossos meios literários e acadêmicos.

Prozines, em oposição aos fanzines, são revistas escritas por profissionais. Um crítico de prozine pode ter uma visão diferente da de um fanzineiro.



## COSIGN 17



## As Origens Distintas dos Quadrinhos.

O termo “comics” pode ser conveniente, mas também é ambíguo. Esteticamente, historicamente e socialmente existem diferenças fundamentais entre as comic strips e as revistas de quadrinhos (comic books).

As revistas em quadrinhos são uma invenção tipicamente americana. Quando apareceram em outros países, geralmente eram traduções ou imitações. Um precursor das revistas em quadrinhos foram as reimpressões da tira “Mutt and Jeff” em 1911, distribuídas como brindes promocionais com cupons, não vendidas em bancas de jornais. O formato moderno de revista em quadrinhos surgiu do contexto econômico-cultural da Grande Depressão, quando gráficas começaram a reimprimir tiras de jornal no formato de revistas.

Já as tiras têm origem europeia:

- Na França, “bandes dessinées”.
- Na Alemanha são chamadas “bilderbogen” (folhas de imagens).
- Na Itália, “fumetti” (referência aos balões do diálogo em forma de fumaça).



## Os Pioneiros da Narrativa Sequencial.

A história estética dos quadrinhos remonta a William Hogarth (1697-1764), pintor e gravador que combinou o aspecto pictórico com progressão dramática. Mas foi Thomas Rowlandson (1756-1827) quem desenvolveu o conceito de um personagem central em várias situações narrativas, como na série “Dr. Syntax”, criada em colaboração com o escritor William Combe.

O verdadeiro pai da história em quadrinhos moderna foi o suíço Rodolphe Töpffer (1799-1846). Seus trabalhos como “As Aventuras do Sr. Obadiah Oldbuck” (1839) foram elogiados por Goethe, que disse: “Tudo brilha com talento e espírito! Algumas pranchas são absolutamente incomparáveis.” Töpffer se inspirava em Hogarth e Rowlandson, mas desenvolveu um estilo único de “literatura popular em imagens”.

Wilhelm Busch (“Max e Moritz”, 1865) trouxe humor e simplicidade gráfica que influenciaram gerações. Na França, Caran d’Ache (1858-1909) se destacou como mestre da narrativa visual quase sem palavras, descrito como “o mais incisivo e ilustre de todos os designers do que hoje chamamos de ‘tira cômica’”.

Nos EUA, artistas como Milton Caniff (“Terry e os Piratas”) estabeleceram o padrão para as tiras de aventura modernas. Curiosamente, Lyonel Feininger – que mais tarde se tornaria membro proeminente da Bauhaus – criou páginas de quadrinhos coloridas incomuns para o **Chicago Tribune** em 1906.



Os fanzines não apenas preservam essa rica história, mas oferecem análises e críticas que muitas vezes faltam na mídia tradicional. Eles servem como ponte vital entre fãs, estudiosos e a evolução contínua dessa forma de arte única. Desde as primeiras publicações amadoras nos anos 1930 até os debates acadêmicos contemporâneos, os fanzines continuam a documentar e celebrar o mundo dos quadrinhos em toda sua complexidade e diversidade.

Os fanzines podem ser classificados de várias maneiras, seja por conteúdo, formato ou método de produção. Essas categorias não são rígidas, mas ajudam a entender a diversidade desse meio.

### Classificação por Conteúdo.

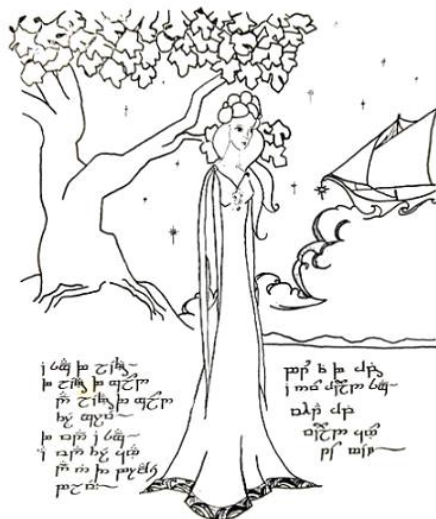
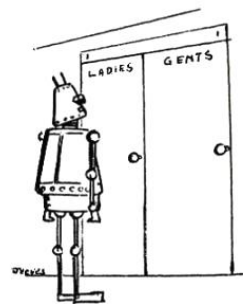
Os fanzines podem ser categorizados de acordo com seu tema principal e abordagem editorial. Os **newzines** são focados em notícias, mantendo os fãs atualizados sobre lançamentos de ficção científica, quadrinhos e outros temas de interesse. Já os **reviewzines** dedicam-se a resenhas críticas de livros, filmes e histórias em quadrinhos, oferecendo análises detalhadas. Os **adzines** funcionam como um espaço para anúncios, como trocas de revistas ou listas de itens raros para colecionadores.

Há também os **genzines** (ou **multizines**), que abordam diversos assuntos sem um foco específico, servindo como uma miscelânea de temas. Os **clubzines** são publicações oficiais de clubes de fãs, enquanto os **letterzines** (ou **gabzines**) são centrados em cartas de leitores e debates comunitários. Por fim, os **funzines** priorizam o entretenimento, sem pretensões acadêmicas, muitas vezes com humor e conteúdo descontraído.

### Classificação por Método de Impressão.

A produção dos fanzines também varia conforme a técnica de impressão utilizada. Os **mimeozines** são feitos em mimeógrafos, onde o texto é datilografado em estêncil e reproduzido manualmente, resultando em um visual artesanal. Os **dittozines** usam o processo de “spirit duplication” (“spirit duplicator” ou “ditto machine”, chamado de duplicador a álcool ou mimeógrafo a álcool no Brasil), geralmente reconhecíveis pela tinta roxa clara e textura característica. Já os **offset zines** são impressos profissionalmente em gráficas, com qualidade superior de papel e acabamento.

Alguns fanzines são híbridos, mudando de método ao longo do tempo. Um exemplo é **Comicology**, que começou como mimeozine, migrou para off-set e depois retornou ao mimeógrafo, demonstrando a flexibilidade do meio.



## Terminologia do Fandom.

O universo dos fanzines possui um glossário próprio. *ama-pros* refere-se a fanzines produzidos por amadores e profissionais, enquanto *ama-strips* são histórias em quadrinhos feitas por não profissionais. *APAs* (Amateur Press Associations) são grupos que distribuem fanzines por meio de um centralizador, e suas publicações são chamadas de *apazines*. O termo *BEM* (Bug-Eyed Monster) descreve clichês da ficção científica e *BLB* (Big Little Books) revela a influência dos quadrinhos clássicos. *Con* é abreviação para convenções de fãs e *GOH* (Guest of Honor) é o convidado principal.

## Gírias e Expressões.

O universo dos fanzines também é marcado por um linguajar informal e crítico. Palavras como *crud* (algo mal feito) e *crudzine* (um fanzine de baixa qualidade) são usadas para expressar descontentamento, enquanto *egoboo* (ego boost) satiriza elogios exagerados, especialmente a autopromoção. Termos como *gafia* (abandonar o fandom) e *filk songs* (canções temáticas sobre ficção científica) ilustram a cultura única e às vezes irreverente dos fãs. Essas expressões não apenas facilitam a comunicação entre os entusiastas, mas também reforçam a identidade comunitária dos fanzines.

O filósofo Wittgenstein afirmou, referindo-se principalmente à linguagem, mas aplicável em uma área muito mais ampla: “Quando perguntado sobre o significado, observe o uso”. Qual o significado dos fanzines? Que valores eles refletem?

Eles não abrem perspectivas sociais magníficas ou novas revelações psicológicas. Esse não é seu objetivo nem seu caráter. Se olharmos para o todo, além de suas aparentes diversidades, descobrimos que eles são um tipo de comunicação verdadeiramente único. Eles representam não uma subcultura, mas uma paracultura.

Em uma era onde o sistema de comunicação é dominado pelo consumismo e pela manipulação, os fanzines se destacam como uma fonte de interação autêntica e não controlada. Eles são o oposto da comunicação de massa.

## Fontes e Referências.

<https://www.youtube.com/watch?v=srTvoLZ-Oq0>  
<http://sitiiodosfanzines.blogspot.com/2017/01/livros-sobre-fanzines-os-meus-iii.html>  
<https://art-bin.com/art/awertham.html>  
<http://www.lostsoti.org/ArticlesByWertham.htm>  
[https://fancyclopedia.org/The\\_World\\_of\\_Fanzines](https://fancyclopedia.org/The_World_of_Fanzines)  
<https://fanlore.org/>

Livros disponibilizados por Gazy Andraus:

<https://www.calameo.com/books/0065531380f78a1fd5bce>  
<https://www.calameo.com/read/0065531381546ff9ae0ae>

